

»Entrevista | NELSON DE SOUZA | PRESIDENTE DO BANCO DE BRASÍLIA

“O BRB é sólido, não vai quebrar”

Executivo afirma que instituição sairá mais forte da crise do Master, porque tem ativos, patrimônio e um governo que dá suporte

» CARLOS ALEXANDRE DE SOUZA

O presidente do Banco de Brasília, Nelson de Souza, está tranquilo quanto à determinação do Banco Central de destacar um provisionamento de R\$ 2,6 bilhões em razão das operações ocorridas com o Banco Master. Desde novembro à frente da instituição brasiliense, o executivo afirma que o banco está sólido e que avalia alternativas para assegurar a saúde financeira, como a obtenção de um empréstimo com o Fundo Garantidor de Créditos. Leia, a seguir, os principais trechos da entrevista.

Qual a sua análise sobre a determinação do Banco Central em relação ao provisionamento de R\$ 2,6 bilhões?

Existe muita especulação na definição desse número. O único documento que mostra o número é o primeiro termo de comparecimento que recebemos do Banco Central, no dia 7 de janeiro de 2026, em que ele define que devemos provisionar R\$ 2,6 bilhões. Esse é o único número certo que existe. Lembrando que o banco tem R\$ 80 bilhões de ativos, R\$ 6,5 bilhões de patrimônio de referência e R\$ 4,5 bilhões de patrimônio líquido. Quando o Banco Central define uma provisão, o banco (BRB) coloca capital caso necessário. Pelo ponto de vista do patrimônio que temos, para um provisionamento de R\$ 2,6 bilhões, seria necessário, por cima, um capital, talvez, de R\$ 1,2 bilhão. Independentemente do número final, o banco está robusto: além dos números que já mencionei, temos quase 30 bilhões de depósitos judiciais.

E quais são os instrumentos disponíveis?

Os instrumentos mais utilizados, pela ordem de prioridade, são: primeiro, um empréstimo com o Fundo Garantidor de Créditos (FGC), próprio para esse tipo de situação, como o BRB é contribuinte associado. Essa seria a primeira alternativa. Há outras opções, como fundos de investimento imobiliário com imóveis do próprio GDF; ações de empresas do governo; e recebíveis, além de aportes diretos do governo, se necessário. Há muitas opções.

Renato Alves/Agência Brasília



Como o escândalo afeta o BRB?

Esta semana tivemos uma movimentação atípica por conta de diversos fatos — liquidação do Master, liquidação do Will Bank, entre outros. Acontece que o BRB é diferente dos outros bancos, porque os outros não têm o tesouro de nenhum estado, do Distrito Federal ou da União como controlador. Isso faz muita diferença.

Então o BRB não está na mesma situação desses outros?

De jeito nenhum. O BRB não vai quebrar, não será liquidado nem interdito. A liquidez do BRB está controlada. O que for necessário, o próprio Governo do Distrito Federal já afirmou que aportará. Claro que qualquer medida precisa passar pela Câmara Legislativa, mas o banco está trabalhando normalmente. Quem confiar no banco vai ganhar dinheiro.

As pessoas podem então confiar na saúde financeira do BRB?

Acontece que o BRB é diferente dos outros bancos, porque os outros não têm o tesouro de nenhum estado, do Distrito Federal ou da União como controlador. Isso faz muita diferença.

Lembrando que o banco tem R\$ 80 bilhões de ativos, R\$ 6,5 bilhões de patrimônio de referência e R\$ 4,5 bilhões de patrimônio líquido.

Podem confiar, porque o banco não será liquidado. Pelo contrário. Ele sairá mais forte do que entrou nessa confusão toda. Isso porque o banco é credor"

Podem confiar, porque o banco não vai quebrar e não será liquidado. Pelo contrário. Ele sairá mais forte do que entrou nessa confusão toda. Isso porque o banco é credor. Se alguém tirou alguma coisa de lá, quem tirou vai pagar por isso. Qualquer julgamento de perdas é feito pelas instâncias constituídas para isso. O banco dará uma guinada, priorizando programas que atendam a população de Brasília e região.

Como tem sido o diálogo com o BC e o mercado financeiro?

Excelente. Mantenho diálogo contínuo não só com o Banco Central, mas com o mercado financeiro. Além da Caixa Econômica Federal, converso com todos os bancos privados, especialmente Itaú, C6, XP, Bradesco e, principalmente, o BTG. Informo sobre liquidez e capital. Todos os bancos fazem isso diariamente. Houve uma corrida de liquidez em novembro (após a liquidação do Master), mas já

estamos positivos em cerca de R\$ 2 bilhões. Quem retirou dinheiro, muitas vezes perdeu oportunidade de rendimento.

O senhor está otimista?

Sim. Principalmente porque estamos fazendo um “freio de arrumação”, cortando gastos e investindo com prioridade a Brasília e região. Se sobrar, vamos ajudar outros estados, dando prioridade aos parceiros que estão conosco.

Teve alguma surpresa quando assumiu o BRB?

Sim. Quando assumi, nenhum banco operava interbancariamente com o BRB, o que é incomum. Foi uma surpresa muito grande para mim. Hoje, todos os bancos e plataformas estão operando normalmente com o BRB, com compra e venda de carteiras. Os principais líderes não estavam operando com o BRB, e isso não era normal. Agora, não. Por isso que eu digo que o banco sairá mais forte. Além do freio de arrumação que nós estamos fazendo, estamos dando prioridade a pessoas, governança e resultados, fortalecendo relações com outros bancos. Antes, o banco parecia uma ilha, sem interação.

Alguma outra mensagem para destacar?

Gostaria de dizer aos brasilienses que fiquem tranquilos. O banco é sólido, tem ativos, patrimônio e um governo que dá suporte. Fui presidente de muitos bancos: Caixa Econômica Federal, Banco do Nordeste, Banco do Estado de São Paulo. Foi outra surpresa para mim: como o povo de Brasília e região tem o BRB como ícone. Gosta do banco. Eles se sentem identificados com o BRB. É como se fosse a casa deles. Por isso o povo está sofrendo também. Quais são as empresas públicas do DF que você conhece em Brasília? Pode perguntar a qualquer um. O BRB é um patrimônio da população de Brasília. É a cara da cidade — não só no nome, mas no agir. Estamos reconstruindo a identidade do BRB, priorizando microcrédito e micro e pequenas empresas locais, apoiando iniciativas como campeonatos esportivos locais.

Banco terá de reservar R\$ 2,6 bi

» ROSANA HESSEL

O Banco Central determinou que o Banco de Brasília (BRB) faça um provisionamento de R\$ 2,6 bilhões em seu balanço financeiro para cobrir perdas com as operações de compras de carteiras de crédito sem lastro junto ao Banco Master, liquidado extrajudicialmente pelo BC em novembro de 2025.

Conforme dados da Polícia Federal, que deflagrou a Operação Compliance Zero, em novembro passado, as fraudes nas operações entre o Master e o BRB estão estimadas pelos investigadores em R\$ 12,2 bilhões.

A exigência da autoridade monetária foi determinada, por meio de ofício, em 7 de janeiro, após a identificação de que parte das operações bilionárias entre as instituições não possuía garantias reais.

Além do Master, em 18 de novembro, o BC liquidou outras duas subsidiárias do grupo de Daniel Vercaro, dono do banco: Letsbank e Banco Master Investimento. E, na última quarta-feira, decretou a liquidação de outra subsidiária do Master, o Will Bank, ampliando o rombo do FGC, de R\$ 40,6 bilhões para R\$ 46,9 bilhões.

O número final, contudo, ainda será discutido entre a autoridade monetária e o próprio banco, que faz uma análise própria sobre os ativos e tem uma margem para contrapor e negociar alternativas com o BC. Procurado, o BRB informou,

Divulgação



O BRB informou que já possui plano de recomposição de capital

por meio de nota, que trabalha diariamente em conjunto com o Banco Central “e esclarece que todas as operações mencionadas no âmbito da Operação Compliance Zero, que possam estar relacionadas ao banco, estão incluídas na investigação forense independente conduzida pelo escritório Machado Meyer, com suporte técnico da Kroll”.

“A instituição reforça seu compromisso com a transparência, a governança e o cumprimento das normas do sistema financeiro, colaborando integralmente com as autoridades competentes. Além disso, o BRB destaca que os possíveis prejuízos ligados à compra

de carteiras do Banco Master ainda estão em apuração pelo Banco Central e pela auditoria independente”, ressaltou a nota.

Recomposição

Caso sejam confirmados, o BRB informou que já possui plano de capital que prevê aporte por meio de vários instrumentos de recomposição de capital. “O BRB reafirma que segue sólido, com patrimônio líquido de R\$ 4,5 bilhões e patrimônio de referência de R\$ 6,5 bilhões, operando normalmente e assegurando todos os serviços financeiros”, acrescentou.

Ontem, o FGC informou que

já pagou mais de 60% dos valores previstos para a indenização das garantias aos credores do Master, que estão limitadas a R\$ 250 mil por CPF. Dessa forma, fundos de previdência de estados e municípios, assim como investidores com valores acima desse limite previsto no FGC, devem esperar a conclusão do processo de liquidação da massa falida para tentarem alguma restituição.

“Agora, é esperar que o interventor faça o processo de liquidação o mais rápido possível, mas há muita gente que vai faturar prejuízo”, destacou o economista Mailson da Nóbrega, ex-ministro da Fazenda e sócio da Tendências Consultoria. “Quem comprou letras financeiras e investiu acima de R\$ 250 mil no Master vai ter que esperar a conclusão do processo de liquidação do banco. O interventor pode acelerar o processo, mas o que vai restar do Master é que foi a maior fraude financeira da história”, frisou.

Após três liquidações extrajudiciais em pouco mais de dois meses — Banco Master e duas subsidiárias, da Reag Investimentos e, mais recentemente, da Will Financeira —, o BC foi alvo de tentativas de intervenção do Tribunal de Contas da União (TCU) e do Supremo Tribunal Federal (STF). Contudo, vem dando justificativas técnicas para a decisão de liquidar a instituição do banqueiro mineiro Daniel Vercaro. (Colaborou Iago Mac Cord)

Fundo de servidores do Rio é alvo da PF

» ALÍCIA BERNARDES
» IAGO MAC CORD

O governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro (PL), exonerou o diretor-presidente do Rioprevidência, Deivis Marcon Antunes, alvo de operação da Polícia Federal relacionada ao caso Master. A corporação apura suspeitas de irregularidades nos aportes do fundo de previdência dos servidores do Rio em títulos da instituição financeira liquidada pelo Banco Central.

A Operação Barco de Papel cumpriu quatro mandados de busca e apreensão no Rio de Janeiro, em endereços no Centro, em Botafogo, na Gávea e na Urca. O foco é um conjunto de nove movimentações financeiras, realizadas entre novembro de 2023 e julho de 2024 pelo Rioprevidência, que resultaram no aporte de aproximadamente R\$ 970 milhões em Letras Financeiras emitidas pelo Master.

A PF suspeita que as operações foram aprovadas de forma irregular, expuseram o fundo a um risco elevado e foram incompatíveis com sua finalidade de garantir o pagamento de 235 mil servidores inativos e pensionistas. A investigação, iniciada em novembro do ano passado, contou com o apoio da Secretaria de Regime Próprio e

Rioprevidência/Divulgação



Antunes foi exonerado do cargo após a operação

Complementar do Ministério da Previdência Social (SPRE/MPS), que identificou uma mudança atípica no padrão de investimentos.

As ordens judiciais, expedidas pela 6ª Vara Federal Criminal do Rio de Janeiro, miram a cúpula do fundo. Além de Antunes, Eucherio Lerner Rodrigues, ex-diretor de investimentos; e Pedro Pinheiro Guerra, ex-diretor de investimentos interino — ambos haviam deixado os cargos após as suspeitas envolvendo o Master. Agentes estiveram, também, na sede do Rioprevidência.

Em resposta oficial sobre os desdobramentos da Operação Barco de Papel, o Rioprevidência afirmou, em nota, que todos os seus investimentos foram realizados seguindo rigorosamente a legislação e as normas dos órgãos de controle.

Também destacou que o patrimônio de servidores ativos, inativos e pensionistas está assegurado por uma decisão judicial de dezembro de 2025. (Com Agência Estado)